

Senado entra na mira do Planalto

TARCISIO HOLANDA e
REJANE DE OLIVEIRA

A disputa pela presidência do Senado, em eleição prevista para os primeiros dias de fevereiro do próximo ano, poderá fugir aos padrões convencionais, ou seja, ao acordo que atribui ao partido majoritário, no caso o PMDB, o direito de indicar o presidente. Como estamos em pluripartidarismo, nada impede que surjam blocos parlamentares ou coligações de partidos para lançar chapas próprias — acima dos partidos — uma hipótese que agrada ao Governo.

Quem admite essa hipótese é o senador Jarbas Passarinho, apontado por muitos como futuro líder do Governo no Senado, embora ressalvando que, pessoalmente, continua defendendo a composição que tradicionalmente se realiza no parlamento em torno do preenchimento dos cargos da Mesa e pela qual cabe ao partido majoritário indicar o presidente daquela Casa (todas as informações apontam para o PMDB como o maior partido).

Se for respeitado o acordo convencional, o PMDB indicará o futuro presidente do Senado. Dentro da bancada desse partido lançaram-se candidatos a candidato o cearense Mauro Benevides e o matogrossense Márcio Lacerda, o primeiro ligado a Ulysses Guimarães, o segundo pertencente à antiga esquerda do partido.

Mauro Benevides, ex-integrante do velho Partido Social Democrático, é apontado como o nome mais forte dentro da bancada do PMDB, que deverá crescer dos atuais 19 para 23 ou 25 senadores. Mauro é um político de feito moderado, com livre trânsito entre todas as correntes ideológicas. Seu nome não inspiraria qualquer tipo de restrição da parte do Governo.

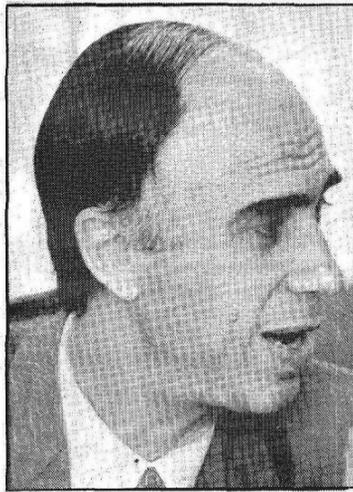
Cauteloso, apesar do acordo informal existente na bancada peemedebista em torno de seu nome, Benevides prefere evitar declarar-se candidato porque "seria deselegante com os novos companheiros a serem eleitos em outubro". Da mesma forma adverte que "toda eleição é um risco" e "sempre pode haver surpresas".

No Senado, têm aspirações a presidir a Casa os senadores Fernando Henrique Cardoso, do PSDB, e Marco Maciel, do PFL. O primeiro enfrenta dificuldades, quando seu partido parece sem chances de ganhar nos três principais estados — São Paulo, Paraná e Minas Gerais — em face do mau desempenho de Mário Covas, José Richa e Pimenta da Veiga.

Quanto a Marco Maciel, o PFL deverá se transformar no segundo partido do Senado, provavelmente com 19 Senadores. Como Cardoso, Maciel só poderia ser candidato supra-partidário, numa articulação comandada pelo governo, se este se interessar numa ruptura do acordo que entrega ao PMDB o direito de indicar o presidente daquela Casa.

Não se pode afastar a hipótese de uma aliança acima de partidos que venha a lançar um candidato a presidente do Senado em plenário. No Senado, este acordo tem sido respeitado pelo menos nos últimos 30 anos, ao contrário da Câmara dos Deputados, onde a composição foi rompida, algumas vezes.

Na Câmara dos Deputados, lançaram-se candidato a presidente os deputados Ulysses Guimarães, do PMDB, Inocêncio de Oliveira, do PFL, Flávio Marçílio (que depende de sua eleição no Ceará), pelo PDS, e, Humberto Souto, vice líder do Governo e que ainda sonha em ser apoiado por Collor. Ulysses já disse a alguns amigos que só gostaria de ser candidato caso se viabilize o movimento em favor da antecipação da revisão constitucional de 1993, como prevê a Constituição nas Disposições Transitórias, para 1992. Dentro do PMDB há os que defendem a candidatura de Ibsen Pinheiro para presidente da Câmara, um nome que desperta notória simpatia no Palácio do Planalto.



Passarinho (E) admite disputa não convencional, que pode tirar a presidência de Mauro, dá-la a Maciel e alcançar até Ulysses (D)